

## POSSÍVEIS INTERPRETAÇÕES DE REFERÊNCIAS À MORTE EM POEMAS SELECIONADOS DE DYLAN THOMAS

### POSSIBLE INTERPRETATIONS OF REFERENCES TO DEATH IN SELECTED POEMS OF DYLAN THOMAS

---

Naira Gandra Luiz<sup>1</sup>

#### RESUMO:

Dylan Thomas foi um importante poeta de língua inglesa. Seus poemas tornaram-se conhecidos durante a década de 30 e são estudados até hoje. Thomas é famoso por abordar a morte em seus escritos constantemente, e este artigo tentará analisar três de seus poemas, *And death shall have no dominion*, *A refusal to mourn the death, by fire, of a child in London* e *Do not go gentle into that good night*, tendo em vista a perspectiva da morte como o fim de uma fase e o começo de um novo ciclo.

**Palavras chaves:** Dylan Thomas; Morte; Interpretação.

#### ABSTRACT:

Dylan Thomas was an important poet in English language. His poems became known during the 30s and are still studied to this day. Thomas is famous for writing about death constantly in his poems, and this paper will attempt to analyze three of his poems, "*And death shall have no dominion*," "*A refusal to mourn the death, by fire, of a child in London*" and "*Do not go gentle into that good night*" in view of the prospect of death as the end of a phase and the beginning of a new cycle.

**Keywords:** Dylan Thomas; Death; Interpretation.

### 1 Introdução: o autor e seu contexto histórico

Este artigo tem a intenção de analisar três poemas de Dylan Thomas, *And death shall have no dominion*, *A refusal to mourn the death, by fire, of a child in London* e *Do not go gentle into that good night*, tendo como fonte críticas acerca das obras selecionadas, com o objetivo de estudar a possibilidade de uma leitura dos poemas escolhidos vendo a morte através do ponto de vista do fim de um ciclo e um novo começo.

Dylan Thomas foi um importante escritor e poeta de língua inglesa. Thomas nasceu no país de Gales, em 1917. Seu primeiro poema publicado foi *And Death Shall Have No Dominion*, na revista *New English Weekly* em 8 de maio de 1933. Entretanto, foi a publicação de *Light breaks where no sun shines* na revista *The Listener* em 1934

---

<sup>1</sup> Graduanda da sexta fase do curso de Letras e Literaturas de Língua Inglesa da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: naira.luiz@hotmail.com

que começou a captar a atenção de críticos e importantes figuras do meio literário. Sua primeira coletânea de poemas, *Eighteen Poems*, foi lançada logo em seguida. O poeta tornou-se conhecido pelo seu uso de palavras e sons, a organização dos seus versos, e pela presença constante da morte como tema de seus poemas. A popularidade de Dylan Thomas começou a crescer ainda em sua juventude, porém foram os programas de rádio da rede *BBC* dos quais participou entre 1945 e 1949, juntos às turnês que realizou nos Estados Unidos entre 1950 e 1953 que consolidaram seu status como uma celebridade.

Durante o seu período de atividade, os costumes acerca da morte encontravam-se em transição. A morte deixou de ser um evento familiar e foi transferida para a solidão do leito de um hospital, onde pacientes em estado grave ou terminal eram levados para receberem os cuidados necessários, devido ao crescimento e a melhoria das salas e equipamentos médicos (ARIÈS, 1974). O sofrimento tornou-se privado, e funerais passaram a ser realizados de modo discreto. Os milhões de vidas perdidas durante a Primeira e a Segunda Guerra também tiveram um peso sobre essa mudança, e, dessa forma, a visão e interpretação que se tinham sobre a morte também começaram ser substituídas.

Seu pai foi professor universitário de língua inglesa. Dylan nasceu em um mundo que havia acabado de vivenciar a Primeira Grande Guerra, e viveu durante a Segunda Guerra. Embora não tenha participado dos combates diretamente, presenciou ataques e testemunhou os resultados. A influência que esses dois fatos tiveram em sua escrita é evidente.

Devido à suas alusões constantes ao tema da morte, sua obra foi muitas vezes considerada obscura. No entanto, um de seus críticos publicados interpretou seus poemas com ambiguidade, e viu a possibilidade de uma interpretação obscura ou positiva (TINDALL, 1966). Portanto, para estudar a possibilidade de interpretação de obras de Dylan Thomas a partir da perspectiva de visão da morte como recomeço, três de seus poemas foram selecionados para análise com base em estudos e críticas publicadas sobre a obra do autor.

## **2 Análise dos poemas selecionados**

### ***2.1 And death shall have no dominion***

*And death shall have no dominion* é um dos poemas onde Dylan Thomas discutiu abertamente sobre a morte. Esse é um de seus poemas mais conhecidos e aclamados; foi sua primeira publicação, como já foi mencionado, e apareceu novamente na sua segunda coletânea de suas poesias, chamada *Twenty-five poems*, publicada em setembro de 1936. Nessa seleção, *And death shall have no Dominion* foi a última obra do volume.

E a morte não terá nenhum domínio.  
Homens mortos nus serão um só  
Com o homem ao vento e a lua a oeste;  
Quando os ossos são limpos e os ossos limpos se vão,  
Eles terão estrelas no cotovelo e pé;  
Embora enlouqueçam, eles serão sãos  
Embora afundem ao mar, se erguerão novamente  
Embora amantes se percam, o amor não se perderá  
E a morte não terá nenhum domínio

E a morte não terá nenhum domínio.  
Debaixo das águas agitadas do mar  
A longa espera deles não morrerá em agitação;  
Torcendo em suplícios quando tendões cederem,  
Amarrados a uma roda, ainda assim, não partirão;  
A fé em suas mãos se partirá em dois  
E os males do unicórnio os atravessarão  
Ao se dividir as extremidades, eles não quebrarão;  
E a morte não terá nenhum domínio.

E a morte não terá nenhum domínio.  
Não mais poderão as gaivotas chorar em seus ouvidos  
Ou ondas quebrarem às praias;  
Onde se soprou uma flor, não haverá mais flores  
Levante sua cabeça para os golpes da chuva;  
Apesar de serem loucos e mortos como pregos,  
Cabeça do martelo através de margaridas;  
Quebre ao sol até que o sol se quebre,  
E a morte não terá nenhum domínio.  
(THOMAS, 1957: 37, tradução nossa)

Mesmo no idioma original, trata-se de um poema sem rimas. Seu nome é o primeiro e o último verso de cada uma de suas três estrofes. E, na primeira estrofe, logo após a repetição do título, o poeta expressa sua visão com uma afirmação: “Homens mortos nus serão um só”. Essa declaração pode ser interpretada como a opinião do eu-lírico de que, após a morte, todos os homens tornam-se iguais.

Para Tindall (1966), o tema deste poema é a ressurreição e renascimento através da morte, e isso é evidente na escrita de Thomas. Esse tópico se manifesta em vários exemplos e formas. Neste trecho, Dylan Thomas faz uso dos antônimos

“enlouquecer” e “sãos”, “afundar” e “erguer”, para dar evidência aos contrastes presentes nestes destaques. Sendo assim, nestes versos, é possível ver a morte sendo demonstrada como uma mudança drástica, ou um novo começo a partir de outra perspectiva. O uso de opostos e contrastes dá força para a essa interpretação do poema, e enfatiza a constante negação do eu-lírico, que pode ser vista desde seu título e é evidente em alguns versos, como, por exemplo, “Debaixo das águas agitadas do mar / A longa espera deles não morrerá em agitação”, ou “Torcendo em suplícius quando tendões cederem,/ Amarrados a uma roda, ainda assim, não partirão”. Além disso, no trecho “embora amantes se percam, o amor não se perderá”, é possível perceber a morte como uma transformação, ou mudança; embora tenha ocorrido um final, algo dará continuidade ao que se perdeu.

Na segunda estrofe, Dylan Thomas menciona um unicórnio. Essa figura mitológica é amplamente conhecida como um símbolo de pureza, e muitas lendas atribuem amplos poderes de cura a seu chifre e suas lágrimas. Sendo assim, os poderes de cura do unicórnio podem ser interpretados como mais uma referência à visão da morte como renascimento, um recomeço, ou o fim como a “cura” necessária para que se alcance esse novo início. O uso da referência correlacionada a “males” é vista em algumas interpretações (EMERY, 1971) como mais um dos usos de opostos e contrastes do poema.

Por fim, o próprio nome do poema é uma menção ao fato de que a morte não “terá nenhum domínio”; ou seja, que ela não deve ser vista como o fim, ou como algo negativo.

## 2.2 *A refusal to mourn the death, by fire, of a child in London*

*A refusal to mourn the death, by fire, of a child in London* foi publicado em 1946, em um volume chamado *Deaths and entrances*, porém sua composição se deu em 1933, entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial. *Death and entrances* foi uma das coletâneas mais conhecidas e aclamadas de Dylan Thomas; seu tema central é a Segunda Guerra, que havia se encerrado apenas um ano antes da publicação, e seus reflexos no mundo e a população mundial. Alguns dos poemas mais famosos de Dylan Thomas, como *Fern Hill* e *Poem in October*, foram publicados nesta seleção.

Nunca até a tomada da humanidade  
Pássaro bruto e flor  
A paternidade e todas as trevas humilhantes,  
Contam com o silêncio a última quebra da luz  
E a hora imóvel  
Veio do mar cambaleando-se em arreios

E devo retornar à rodada,  
Zion da gota d'água  
E a sinagoga da espiga de milho  
Devo deixar orar a sombra de um som  
Ou semear minha semente de sal  
No menos importante vale de roupas de pano para lamentar

A majestade e a queima da morte da criança.  
Eu não matarei  
A humanidade de sua ida à uma sepultura de verdade  
Nem blasfemarei abaixo das estações da respiração  
Sem mais algum  
Lamento de inocência e juventude.

Profundamente com o primeiro morto encontra-se a filha de Londres,  
Vestidos de longos amigos,  
Os grãos além da idade, as veias escuras de sua mãe,  
Secretado pela água sem lamentos  
Do Tâmis montado.  
Após a primeira morte, não existe nenhum outro.  
(THOMAS, 1957: 58, tradução nossa)

Nesta obra, o eu-lírico relata um cenário de guerra e bombardeamento e a perda da vida de uma criança, pela qual ele se recusa a lamentar, e essa ação pode ser vista como uma lamentação às vidas dos inocentes perdidas na guerra.

É possível encontrar algumas das analogias usadas pelo poeta em versos da primeira estrofe. Dylan Thomas novamente faz uso de um paradoxo, “contam com o silêncio”, para destacar o silêncio da morte e do final que ela representa. A sensação de estática e quietude representadas pela escolha de palavras feita no trecho “a hora imóvel” auxiliam essa possível interpretação. Nestes versos, o poeta se refere à morte, às “trevas”, trazida pela guerra, “mar cambaleando em arreios”.

No entanto, de acordo com a interpretação de Rukhaya (2011), é a partir do segundo verso que a perspectiva e a visão do eu-lírico começa a transparecer.

Dylan Thomas faz alusão ao monte de Zion, localização do templo de Jerusalém, e à sinagoga, pela qual foi substituído. Para Rukhaya, essa passagem é uma representação de mudança; ao fazer uso desses exemplos, ele não se refere apenas a

mudanças na vida de uma pessoa, mas também ao término e a substituição de instituições políticas e religiosas.

Finalmente, o último verso do poema volta a indicar a perspectiva da morte como mudança e recomeço. Nesse trecho, o poeta diz que “Após a primeira morte, não há nenhuma outra”. Tindall (1966) afirma que essa linha é extremamente ambígua. Ela pode representar a mudança de uma fase e o começo de uma nova vida eterna, ou a percepção de que a morte é única, e, após o fim, nada pode ser feito. Ainda assim, juntando-se a primeira interpretação com os dados mencionados anteriormente, é possível interpretar esse poema como a morte metafórica que segue um acontecimento marcante – no cenário do poema, a Segunda Guerra Mundial – de algo que não voltará a ser o mesmo, seguido pelo recomeço e a reconstrução.

### 2.3 *Do not go gentle into that good night*

*Do not go gentle into that good night*, um de seus poemas mais aclamados, é um forte exemplo da influência da morte sobre Dylan Thomas. Nesse trabalho, o argumento é perceptível desde a primeira estrofe.

Não vá calmamente em direção àquela boa noite,  
A velhice deve arder e delirar ao fim do dia;  
Enfureça-se, enfureça-se contra a morte da luz.

Embora os homens sábios próximos do seu fim saibam que a escuridão é o certo,  
Como as suas palavras não tinham bifurcado relâmpago algum, eles  
Não vão calmamente em direção àquela boa noite.

Bons homens, os últimos que vieram, chorando pelo brilho  
Seus atos frágeis poderiam ter dançado em uma baía verde,  
Enfureçam-se, enfureçam-se contra a morte da luz.

Homens bárbaros que apanharam o sol ao alçar vôo e cantaram,  
E aprenderam, tarde demais, que a lamentaram ao vê-la em seu caminho,  
Não vão calmamente em direção àquela boa noite..

Homens sérios, próximos da morte, que vêem com visão cega  
Olhos cegos que poderiam brilhar como meteoros e serem felizes,  
Enfureçam-se, enfureçam-se contra a morte da luz.

E você, meu pai, lá na altura triste,  
Amaldiçoe-me, abençoe-me agora com suas lágrimas ferozes, eu oro  
Não vá calmamente em direção àquela boa noite,  
Enfureça-se, enfureça-se contra a morte da luz.  
(THOMAS, 1957: 107, tradução nossa)

O primeiro verso é o começo de sua declaração contra a aceitação da morte neste trabalho, além de dar nome ao próprio poema, o que intensifica sua afirmação em uma mensagem simples e direta: “Não vá calmamente em direção àquela boa noite”; não se deve aceitar a morte sem lutar.

Essa frase é seguida por outra declaração: “A velhice deve arder e delirar ao fim do dia”. Nesse trecho, pode-se ver a opinião do eu-lírico quanto ao envelhecimento enquanto suas palavras reforçam a afirmação do primeiro verso. Por fim, a última frase nesta estrofe repete a mensagem, e, emparelhadas, as afirmações intensificam essa possível interpretação. Nessa estrofe, Dylan pede ao leitor por fúria “contra a morte da luz”, que pode ser lido com o mesmo significado de seu primeiro verso. A primeira e a última linha desta estrofe são repetidas ocasionalmente entre os versos do poema. O uso desse artifício e a escolha de palavras do poeta (“arder”, “delirar” e “enfureça-se”) enfatiza seu desejo de lutar contra a morte.

Nos versos deste poema, Thomas menciona diferentes tipos de pessoas e os chama para pedir que se rebelem contra a morte diretamente. Seu uso do discurso nesta situação dá ao seu poema a sensação de um diálogo aberto. O eu lírico menciona “homens sábios próximos do seu fim”, “bons homens, os últimos que vieram”, “homens bárbaros que apanharam o sol ao alçar vôo e cantaram”, “homens sérios, próximos da morte, que vêm com visão cega” – trecho onde, no original, o adjetivo “grave” pode ser lido como um trocadilho, pois ambos os seus significados (“sério” ou “túmulo”) se encaixam na sentença – e, por fim, menciona seu próprio pai. Os versos são concluídos com uma repetição intercalada de versos da primeira estrofe, e essas conversas, descritas com o uso do modo imperativo, mostram a tentativa do eu-lírico de atrair indivíduos que se juntem à sua oposição.

Nesta composição, Thomas refere-se à morte através de metáforas. O autor usa expressões como “boa noite”, “fim do dia” e “morte da luz” com frequência. Embora a palavra “morte” não seja mencionada antes da penúltima estrofe, as alegorias escolhidas se referem à escuridão e/ou o fim de algo, o que induz à essa interpretação.

Entretanto, na última estrofe do poema, o pedido do eu-lírico torna-se claro para o leitor quando seu pai “lá na altura triste” é citado. Esta estrofe pode ser lida como um apelo direto ao pai, para que não ceda e recuse-se a se entregar à morte, e esses versos explicam o pedido feito no poema como um todo. A repetição dos dois versos



“Não vá calmamente em direção àquela boa noite” e “Enfureça-se, enfureça-se contra a morte da luz”, que são intercalados entre outros versos durante as estrofes anteriores, aparecem juntos pela primeira vez. Seu pedido torna-se pessoal, e é intensificado pelo tom emocional.

*Do not go gentle into that good night* expressa um desejo de não aceitar o destino de morte e confrontar a morte em si. Suas palavras são um grito contra a morte física do próprio corpo e o ostracismo que a segue. Devido ao seu uso contínuo de metáforas, a “morte da luz” e a “noite” podem ser interpretadas como a morte em si, e vistas como a “escuridão” do esquecimento. Dessa forma, o poema deixa de ser apenas um grito contra o conformismo da morte e torna-se um lembrete de que a vida deve ser digna de ser vivida e cada momento deve ser apreciado. A raiva e a luta mencionadas com frequência possuem o peso do pedido contra a aceitação, e a ambição de lutar contra o esquecimento. Embora essa interpretação seja diferente dos outros poemas analisados, sua mensagem também é positiva. Essa composição também representa a inevitabilidade da morte, e, portanto, a necessidade de se apreciar o momento antes que uma fase se encerre e outra tenha início.

### 3 Conclusão

As discussões foram feitas com base em críticas literárias escritas acerca da obra de Dylan Thomas, tendo em conta o contexto em que os poemas foram escritos e publicados. Nessas análises, foi possível encontrar a descrição da morte vista pela perspectiva do final de uma fase e/ou o começo de um novo ciclo nos poemas *And death shall have no dominion* e *A refusal to mourn the death, by fire, of a child in London*. “*Do not go gentle into that good night*” apresenta algumas características que podem levar a essa interpretação, embora não seja tão presente quanto nos anteriores; ainda assim, esse poema também pode ser interpretado como uma mensagem de aspecto próspero.

Uma das características mais conhecidas das obras de Dylan Thomas é a presença de temas e referências relacionados à morte. Através dessa análise, é possível concluir que, embora a morte seja frequentemente relacionada a interpretações negativas, é possível vê-la de modo positivo nos poemas selecionados; os exemplos encontrados mostram referências à morte como recomeço, transformação e uma



reafirmção de que, enquanto a morte ainda é vista como o final e algo inevitável, também deve-se lembrar que a vida deve ser apreciada. Além disso, pode-se perceber que, em grande parte, a força dessas interpretações se dá através da escolha de palavras e técnicas utilizadas pelo autor, principalmente pelo contraste criado através de seu uso de antônimos e paradoxos. Em seu idioma original, o autor explora o uso de palavras e seus significados em suas obras (como, por exemplo, o uso de “grave” em um dos poemas escolhidos), que mostram como Thomas faz proveito de seu conhecimento acerca da língua inglesa acentuar possíveis interpretações em seu trabalho.

Com base nos três poemas analisados e nas críticas estudadas, é possível entender as obras de Dylan Thomas com nuances e aspectos de uma interpretação positiva. Entretanto, para se obter uma visão mais ampla sobre os possíveis pontos de vista de toda a sua obra, seria necessário estender essa análise e incluir mais de suas obras em uma pesquisa maior.

## Referências

ARIÈS, Phillipe. **Western attitudes towards death: from Middle Ages to the present.** Londres: The Johns Hopkins University Press, 1974. 111 p.

DITTRICK, Ashlyn; NEUFELD, Chelsea; REIMER, Bem; TOEWS, Ezra.. **And death shall have no dominion.** Disponível em: <<http://prezi.com/jsbu49gf8sun/and-death-shall-have-no-dominion/>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

EMERY, Clark. **The world of Dylan Thomas.** Faraday Close: Littlehampton Book Services, 1971. 320 p.

FITZGIBBON, Constantine. **The life of Dylan Thomas.** Londres: Sphere Books, 1965. 348 p.

M.K., Rukhaya. **Poetry analysis: Dylan Thomas' "A refusal to mourn the death, by fire, of a child in London".** Disponível em: <<http://voices.yahoo.com/poetry-analysis-dylan-thomas-refusal-mourn-the-11278700.html?cat=9>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

THOMAS, Dylan. **Collected poems.** Nova Iorque: New Directions, 1957. 203 p.

TINDALL, William York. **A reader's guide to Dylan Thomas**. Nova Iorque: Syracuse University Press, 1966. 305 p.

YORKE, Erin. **Poetry analysis and death shall have no dominion by Dylan Thomas**. Disponível em: <<http://www.humanities360.com/index.php/poetry-analysis-and-death-shall-have-no-dominion-by-dylan-thomas-7336/>>. Acesso em: 17 nov. 2013.